



“As Mulheres Guerreiras: uma proposta de tradução putafeminista”
Palavras-Chave: putafeminismo, tradução, feminismo negro
Autores(as): Tathiana Victória Hessel Ramalho, IFCH - UNICAMP
Profª. Drª. Stella Zagatto Paterniani (orientadora), PPGAS/IFCH - UNICAMP
Drª Letizia Patriarca (co-orientadora), MECILA/PAGU - UNICAMP

Breve descrição da pesquisa

O projeto de pesquisa objetivava, inicialmente, pesquisar o modo de fazer e viver o putafeminismo da Associação de Mulheres Guerreiras em Campinas-SP, sua organização política e estratégias frente aos movimentos de segregação espacial da prostituição na cidade. Essa associação luta pelo direito das profissionais do sexo em Campinas-SP desde 2006, e possui uma importante trajetória de luta sobre a segregação social e espacial do trabalho sexual na cidade. Durante o percurso da pesquisa, os encontros com intelectuais putafeministas da Associação, a leitura de autobiografias putafeministas, os debates no Grupo de Estudos de Pensamento Negro Radical e Teoria Etnográfica (Errante/Unicamp, coordenado pela professora orientadora desta pesquisa) e duas disciplinas que cursei no semestre fizeram emergir novos interesses de pesquisa, e houve uma mudança no objetivo da pesquisa. O novo objetivo passou a ser a tradução e legendagem do filme “Mulheres Guerreiras: desbravando estradas da vida” para o inglês. A seguir detalho o processo de pesquisa e a mudança dos objetivos.

Putafeminismo

Em minha pesquisa, identifiquei o putafeminismo como termo importante no que diz respeito à organização e atuação dos movimentos políticos de trabalhadoras sexuais no Brasil. Mesmo que cunhado recentemente pela autora e trabalhadora sexual Monique Prada (2018), entendo que o termo é capaz de expressar as diversas facetas de luta das profissionais do sexo ao agregar experiências que perpassam o âmbito do público e privado. Por exemplo, a luta contra a segregação espacial na cidade, ou o estigma vivenciado nas relações afetivas e amorosas das prostitutas. O putafeminismo busca evidenciar a agência e produção de conhecimento das trabalhadoras sexuais em suas lutas e experiências. Em minha pesquisa, o putafeminismo emergiu como uma importante proposição política e epistemológica aos estigmas e discriminações enfrentados pelas trabalhadoras do sexo.

Além disso, é um avanço no campo de estudos do trabalho sexual pois representa a produção de conhecimento de sujeitas trabalhadoras sexuais sobre si, inclusive com pesquisas científicas dentro das universidades. Trata-se, portanto, de um contraponto às tradições de pensamento feminista que discutem o trabalho sexual como exploração da mulher, a partir da premissa de que suas trabalhadoras são vítimas, sem o reconhecimento da agência das trabalhadoras sexuais.

A enunciação sobre si das trabalhadoras sexuais em espaços formais de produção de conhecimento evidencia que além de putas (posição estigmatizada socialmente), essas pessoas são também estudantes, pesquisadoras, mães, amigas, etc. Assim, podem valorizar sua produção de conhecimento nos espaços não formais, como o trabalho sexual. Elas diversificam o campo, apresentando contrapontos e proposições a partir da própria experiência e conhecimento.

Apesar da ênfase que busquei dar ao termo “putafeminismo”, por entendê-lo como central para compreender as experiências de luta das trabalhadoras sexuais, vale dizer que tais lutas são muitos mais antigas do que a criação do termo, ou até mesmo que a formação de movimentos organizados de prostitutas.

Desde a elaboração do projeto de pesquisa tive contato com diferentes tipos de produções feitas por ou em conjunto com trabalhadoras sexuais. Como o filme “Mulheres Guerreiras: desbravando estradas da vida”, que conta a história da Associação de Mulheres Guerreiras.

Mudança no percurso: tradução putafeminista

Durante a pesquisa, os materiais que ganharam centralidade foram as autobiografias produzidas pelas trabalhadoras do sexo. Pude conhecer e debater diversas obras no âmbito do “Clube de Leitura Putafeminista”, patrocinado pela empresa Fatal Model e organizado de forma online por Monique Prada e Amara Moira, ambas trabalhadoras sexuais.

Assim, pude conhecer a história de importantes figuras do movimento social de prostitutas brasileiro, como Lourdes Barreto e Gabriela Leite. Ao longo de diversas leituras e debates meus interesses de pesquisa mudaram. Passei a me interessar pela possível interlocução entre o putafeminismo e o campo de estudos da tradução, pois durante a realização da pesquisa pude cursar as disciplinas “Introdução aos estudos da tradução” e “Tradução inglês-português” no Instituto de Estudos da Linguagem na Unicamp. Essa interlocução mostrou-se muito potente e um assunto ainda pouco explorado academicamente.

Com o objetivo reformulado de investigar o campo de estudos de tradução putafeminista, continuei minha pesquisa com a atenção voltada para discussões de tradução. Além disso, iniciei a proposta de traduzir o filme já citado “Mulheres Guerreiras: desbravando estradas da vida”, que surgiu a partir do contato e relação com a Associação de Mulheres Guerreiras e com Letizia Patriarca, que também realiza pesquisa na área, foi referência desde a escrita de meu projeto de pesquisa, e tornou-se co-orientadora desta pesquisa.

Resultados

O campo de estudos de tradução putafeminista é pouco explorado na pesquisa científica atualmente. Em minha revisão bibliográfica, não encontrei trabalhos que utilizassem exatamente o termo “tradução putafeminista” - possivelmente pelo termo “putafeminismo” ser de elaboração recente, como já mencionado. Também foram poucos os trabalhos que encontrei que tratassem especificamente sobre trabalho sexual e tradução. Dentre minhas referências, Valdez (2021) considera a incorporação de debates

interseccionais à tradução feminista e analisa: “[...] nunca encontrei um trabalho ou proposta de tradução feminista que tratasse explicitamente das putas” (p.7).

A autora defende a tradução como capaz de fazer circular textos e ideias produzidos por e a partir das perspectivas das putas, contribuindo assim para desvelar preconceitos em torno do trabalho sexual. Ela também considera a utilização da palavra “puta” em espaços institucionais como forma de subverter a palavra ao questionar seu lugar de representatividade social. Nesse sentido estão algumas das referências encontradas, como por exemplo o caso que Gabriela Leite conta em sua autobiografia “Filha, mãe, avó e puta” (2009), quando em um Congresso Latino-Americano sobre HIV/aids, a tradutora de Gabriela para o espanhol tentou corrigir o seu uso da palavra “prostituta” para “trabalhadora sexual”. Gabriela, que em sua militância defendia a apropriação e uso das palavras “puta” e “prostituta” como forma de combater o estigma, defendeu o uso de “prostituta” na ocasião, mesmo que o termo fosse considerado inadequado por colegas prostitutas organizadas em movimentos sociais de outros países. Assim, o debate dos termos e palavras em torno do trabalho sexual, que é tão importante na militância das trabalhadoras sexuais, passa diretamente por questões tradutórias. Nesse caso, por exemplo, é possível discutir o papel do tradutor e sua posição de poder em relação a seus interlocutores.

A mesma discussão pode encontrar outra abordagem quando pensamos na tradução da autobiografia de Gabriela Leite para o inglês “Daughter, mother, grandmother and whore” (2024), a qual só tive acesso a capa. Nela, é possível ver que há um jogo de palavras, já que “puta”, no título, foi traduzido para “whore”. Enquanto isso, no subtítulo, a palavra “prostituta” é substituída por “puta”, em português. A escolha de manter a palavra ‘puta’ em português no subtítulo da edição inglesa revela uma estratégia tradutória que reconhece a intraduzibilidade cultural do termo. Diferente de “whore”, que carrega conotações pejorativas específicas do inglês, ‘puta’ evoca no contexto latino-americano significados políticos construídos pelas próprias trabalhadoras sexuais, como os defendidos por Gabriela Leite em sua militância. Ao manter o termo original, a tradução parece indicar uma tentativa de preservar sua força simbólica e local, ao invés de substituí-lo por um equivalente que poderia diluir sua potência.



Comparação entre as capas citadas.

Outros exemplos podem ser citados que evidenciam as muitas relações entre trabalho sexual e tradução, por exemplo, muitas trabalhadoras sexuais realizaram aulas de inglês para atender clientes estrangeiros durante a realização de super eventos, como a Copa do Mundo de 2014. A Associação das Prostitutas de Minas Gerais foi uma das instituições que ofereceu aulas gratuitas antes da Copa. O texto “Ensino de língua”, do jornalista Tarcísio Badaró (2014), conta um relato de uma dessas aulas, que também foram amplamente veiculadas por outros canais.

No debate da obra “Teoria King Kong”, de Virginie Despentes (2006) promovido pelo Clube do Livro Putafeminista da Fatal Model, que está disponível no youtube, pode-se acompanhar a conversa entre Monique Prada, Amara Moira e Márcia Bechara, tradutora da obra para o português. A tradutora discorre sobre a importância da obra no contexto francês, destacando a forma como Despentes rompe com os tabus em torno da prostituição, da violência sexual e da autonomia feminina. Em *Teoria King Kong*, a autora escreve a partir de sua experiência como trabalhadora sexual e sobrevivente de estupro, propondo uma crítica incisiva à normatividade sexual, ao moralismo de certos feminismos e à romantização da vítima. Essa perspectiva ressoa com os debates putafeministas ao afirmar a agência das mulheres sobre seus corpos e escolhas, inclusive no exercício do trabalho sexual. Além disso, elas fazem considerações sobre as traduções de obras feministas feitas por trabalhadoras sexuais ou que levam em conta suas perspectivas para o português. Apontam que além de pessoas dispostas a traduzir, precisa-se também de financiamento, que pode partir de editoras e editais.

Outro importante achado sobre tradução e putafeminismo foi o artigo de Amara Moira (2018) que trata do livro “‘Princesa: depoimento de um travesti brasileiro a um líder das brigadas vermelhas”, autobiografia que conta a história de Fernanda Farias Albuquerque, mulher trans brasileira e trabalhadora sexual que trabalhou e passou pelo cárcere na Itália. Além de discorrer sobre a importância da obra no contexto italiano, Amara tece críticas a tradução da obra para o português por não respeitar os pronomes femininos da autora e personagem. Também aponta pensamentos racistas adicionados na tradução e atribuídos a Fernanda, e considera a riqueza linguística da obra original, escrita entre o português, italiano e outros dialetos locais.

Ademais, o trabalho de Letizia Patriarca (2023) “‘Putas’, ‘travesti’ e ‘brasileira’: processos interseccionais de tradução e criminalização entre Brasil e Itália” mostra que as interlocuções entre tradução e trabalho sexual não se detêm a tradução linguística. Letizia investiga a tradução como processo social de marcação da diferença ao considerar as experiências das travestis brasileiras

realizando trabalho sexual na Itália. Patriarca investiga a impossibilidade de tradução de termos como “brasileira”, que pertence ao contexto italiano, para o português. E dos termos “puta” e “travesti”, para o contexto italiano.

Ao passo que os termos invocam noções próximas no imaginário social em ambos os contextos, o que envolve processos de criminalização, eles também possuem diferenças significativas pela configuração da realidade social de cada país, o que impacta seus significados e mobilizações. Assim, “os processos de tradução são, desse modo, epistemológicos e necessariamente políticos, uma vez que estão situados em uma geopolítica marcadamente desigual.” (Patriarca, 2023, p.13).

Uma referência fundamental acionada por Patriarca para pensar a tradução é Gloria Anzaldúa, que discorre sobre a categoria “mestiza” ao considerar sua existência no mundo como situada entre diferentes raças e culturas, o que impacta sua construção de identidade. Anzaldúa defende a construção de uma cultura mestiza frente a pressão pela negação de uma identidade em detrimento de outra, o que é atravessado por uma pressão racial e racista, e orientada pelo gênero, sexualidade e até nacionalidade. Assim, a mestiza enfrenta dilemas de ambiguidade e contradição, que a partir de um conhecimento de si, aprende a se tornar mais tolerante às contradições ou a rejeitá-las, construindo novas formas de existir no mundo.

Deste modo, é possível relacionar as cisões entre mulher direita/prostituta mobilizadas para discriminar trabalhadoras sexuais, por exemplo através da segregação espacial e criação de espaços de isolamento da prostituição na cidade, com a noção de mestiza mobilizada por Anzaldúa. O que por fim impacta a tradução de termos.

Indo mais além, o pensamento de Letizia e Anzaldúa permite situar a tradução putafeminista em um contexto internacional de diferenças culturais. Nesse sentido, invoco novamente o exemplo do termo “puta”, que não foi traduzido na capa da versão para o inglês do livro “Filha, mãe, avó e puta, de Gabriela Leite.

Juntamente às proposições putafeministas, identifiquei a importância epistemológica do feminismo negro para a realização de minha pesquisa. Na redação inicial do projeto, relatei as categorias “no human involved” e “outsider within” propostas respectivamente por Sylvia Winter e Patricia Hill Collins, à discussão sobre a humanidade das trabalhadoras sexuais. Com a mudança de foco para a tradução, mantive o objetivo de relacionar a pesquisa com o feminismo negro. O que no campo de estudos da tradução também se mostrou muito potente.

A partir da entrevista com Patricia Hill Collins (2019), é possível identificar elementos fundamentais para pensar a tradução como prática situada, política e atravessada por relações de poder. A autora diferencia comunidades linguísticas, frequentemente concebidas como espaços de partilha neutra, de comunidades interpretativas, onde se evidenciam as disputas pelo direito à fala, à escuta e à legitimação de saberes. Para Collins, a tradução opera nesses espaços como ferramenta de mediação desigual, refletindo e reproduzindo hierarquias raciais, de gênero e de classe. Essa leitura possibilita compreender a tradução putafeminista como prática crítica que desafia a hegemonia epistêmica e questiona as condições de circulação, reconhecimento e legibilidade de saberes dissidentes, como aqueles formulados por mulheres negras, travestis e prostitutas.

Ao refletir sobre seu próprio trabalho intelectual como ato contínuo de tradução e negociação entre comunidades, Collins propõe uma ética tradutória que leve em conta os riscos da exposição de saberes subalternizados em linguagens e contextos hegemônicos. Tal perspectiva ressoa com preocupações centrais do putafeminismo, sobretudo no que diz respeito à intraduzibilidade de certas experiências e à possibilidade de tradução como captura. Traduzir, nesse campo, não é apenas tornar compreensível, mas decidir o que pode ou deve ser traduzido, para quem e com quais implicações políticas.

O trabalho de Clarindo (2020) é um exemplo ao lidar com tais negociações de conhecimento, já que a autora busca “[...] levar os leitores aos puteiros pesquisados, assim como trazer os puteiros para a academia, e traduzir os saberes localizados nas zonas pesquisadas”.

Quanto à circulação de conhecimento que depende da tradução linguística, os esforços putafeministas parecem ter se concentrado em fazer circular as experiências das trabalhadoras sexuais, buscando alcançar públicos maiores. Em contraposição a circulação de teorias feministas que buscam negar a agência e conhecimento dessas trabalhadoras.

Assim, procurei traçar um breve panorama de um possível campo de estudos de tradução putafeminista. Apesar de pouco explorado, é um campo fértil e diverso, no qual existem diversas entradas possíveis. Assim como os debates feministas e de teoria racial no campo da tradução, as perguntas “O que se traduz? Para quem se traduz? Quem traduz? Como traduz?” são importantes para gerar questionamentos quanto a tradução putafeminista.

Para além disso, cabem algumas considerações sobre a metodologia e a proposta de tradução do filme “Mulheres Guerreiras: desbravando estradas da vida”.

Mudança de metodologia e mais resultados

Com as mudanças de objetivos do projeto, mudaram também as metodologias. Os métodos tradutórios tomaram o lugar da etnografia que seria realizada junto à Associação de Mulheres Guerreiras. Assim, pude colocar em prática o aprendizado das disciplinas que cursei em 2024, “Introdução aos estudos da tradução” e “Tradução inglês-português”. Além de me familiarizar com o campo de estudos da tradução, as disciplinas me auxiliaram a traduzir na prática, com a construção da pesquisa e referências para a tradução, introdução a ideia de memória de tradução e apresentação de softwares de tradução e legendagem.

Realizei uma nova revisão bibliográfica sobre o tema de tradução putafeminista cujos resultados demonstrei acima. Como desdobramento direto da pesquisa, organizei a exibição do filme *Mulheres Guerreiras: desbravando estradas da vida* no Auditório Marielle Franco (IFCH/Unicamp), acompanhada da sessão do documentário *Se me deixam sonhar*, sobre a Casa Sem Preconceitos, instituição que atua na defesa dos direitos de pessoas trans e travestis em Campinas. O evento contou com a participação de Betânia Santos (Associação Mulheres Guerreiras), Suzy Santos (Casa Sem Preconceitos) e Letizia Patriarca como debatedoras.

Durante a discussão, Betânia relembrou a influência de Gabriela Leite em sua militância, além de destacar antigas lideranças do movimento em Campinas, como Denise Martins e Sandra Cabelão.

A atividade foi promovida pelo Grupo de Estudos de Pensamento Negro Radical e Teoria Etnográfica, com coordenação da professora orientadora desta pesquisa, e contou com apoio do Edital Acolhe da Pró-Reitoria de Graduação da Unicamp. Participei

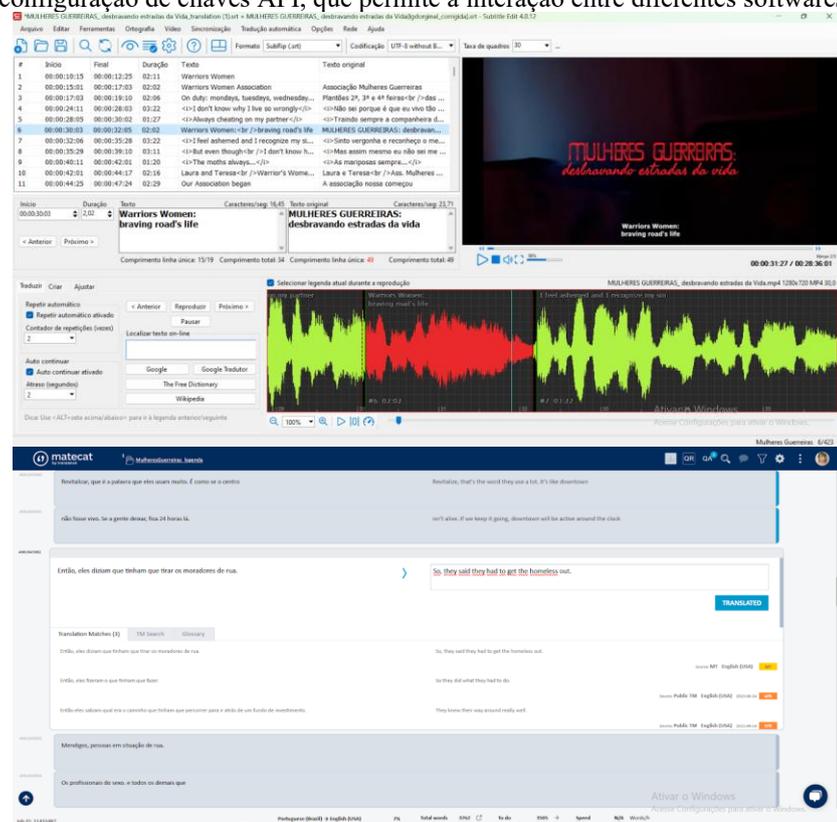
ativamente de todas as etapas do projeto, desde a elaboração da proposta até a realização do evento, que marcou um resultado prático e coletivo da pesquisa, e um fortalecimento da relação com o movimento de trabalhadoras sexuais.

Métodos tradutórios

Para a tradução e legendagem do filme “Mulheres Guerreiras: desbravando estradas da vida” tenho utilizado dois softwares: Subtitle Edit e MateCat, ambos livres e gratuitos. Inicialmente, obtive o arquivo de legendas do filme através de um site de transcrição automática, o Transkriptor. Utilizando o Subtitle Edit, pude revisar a transcrição das legendas no português e ajustar seu tempo de acordo com o vídeo. Também adicionei no arquivo as legendas próprias do filme, e também outros elementos visuais importantes que devem ser levados em conta na legendagem, por exemplo o conteúdo de placas que dão contexto ao local do filme, ou o nome e indicação de quem são as pessoas entrevistadas.

Iniciei a tradução nesse software, juntamente com a construção de um registro de pesquisa referente à tradução. O Subtitle Edit fornece diversas funcionalidades para a legendagem, como a configuração do tempo da legenda na tela, a quantidade de caracteres por linha, o estilo e posição das legendas, a pesquisa de termos em sites como Google, Wikipédia e até mesmo a utilização de tradução automática a partir de diferentes tecnologias, como o Chat GPT. Entretanto, não permite a utilização de uma memória de tradução. Por isso, decidi utilizar também o MateCat.

O MateCat é uma ferramenta CAT (tradução assistida por computador), que permite combinar a utilização de memória de tradução, tradução automática, e de glossários. Ele utiliza o “MyMemory” como memória de tradução, que é a maior memória de tradução gratuita do mundo, construída com base em memórias de tradução coletadas da União Européia e da ONU. Como ferramenta de tradução automática, está disponível uma versão gratuita da ModernMT, também desenvolvida pela mesma empresa que criou o MateCat. Também é possível configurar a utilização de outras ferramentas de tradução automática através da configuração de chaves API, que permite a interação entre diferentes softwares.



Interfaces dos softwares de tradução, Subtitle Edit e MateCat, respectivamente. Arquivo pessoal, 2025.

Uma memória de tradução é uma base de dados construída com base nas traduções realizadas por uma tradutora, com uma língua de partida e uma língua de chegada. A utilização de uma memória de tradução é vantajosa pois registra a forma que palavras, termos e sentenças inteiras foram traduzidas anteriormente para a língua de chegada e realiza sugestões de tradução a partir disso. Assim, ela economiza tempo e trabalho, e garante a consistência terminológica.

Enquanto isso, as ferramentas de tradução automática se baseiam em algoritmos ou inteligência artificial. Por não possuírem intervenção humana, podem cometer erros de contexto ou regras linguísticas, mas funcionam para a realizar a sugestão de termos. Nesse sentido, tenho utilizado também outras ferramentas de inteligência artificial para explorar sugestões de termos e tons, através da escrita de prompts de comando voltados para meus objetivos.

Já o glossário também é uma lista de termos construída pela tradutora levando em conta os conhecimentos específicos de determinada área. Na pesquisa em questão, a construção de um glossário é um dos produtos da tradução que segue em construção. Por exemplo, no filme, diversos termos são utilizados para se referir às trabalhadoras sexuais. Uma de minhas preocupações é buscar manter essa diversidade de termos na tradução, por entendê-las como relevantes para as diferentes construções de imaginário e organização política das trabalhadoras sexuais, e por possuírem uma grande capacidade de situar o filme em seus contextos.

Para a tradução e legendagem do filme, a combinação das ferramentas citadas garante maior consistência terminológica e agilidade. Por outro lado, exige atenção nos momentos de tradução e legendagem, pois ao passo que as legendas no Subtitle Edit são divididas com base no tempo das falas, para a tradução no MateCat é melhor que as frases estejam organizadas como unidades de sentido. Assim, após a tradução estar completa, precisarei conferir e adequar novamente o tempo das legendas.

Ademais, segue um pequeno trecho do registro de pesquisa construído até então:

| Descrição da necessidade de pesquisa | Link/s de consulta | Outras observações |
|---|---|---|
| Traduzir ou não o nome da Associação e se sim qual a melhor forma? | 1) https://www.opendemocracy.net/en/beyond-trafficking-and-slavery/sex-workers-united-by-respect-an-interview-with-the-warrior-womens-association-of-brazil/ . 2) https://www.nswp.org/members/latin-america/associacao-mulheres-guerreiras | A associação já teve seu nome traduzido em entrevista e decidi seguir a forma que foi utilizada, entendo que pode gerar maior compreensão no telespectador que poderá encontrar a Associação por seu nome em inglês |
| Centro da cidade > se referir como city center ou downtown? utilizar uma única tradução para o termo? | 1) https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/downtown 2) https://forum.wordreference.com/threads/downtown-vs-city-center-centre.486935/ | Downtown parece ser a expressão mais utilizadas e também parece refletir melhor os sentidos de "centro" empregados no filme |
| "Centro de Referência DST/Aids" > em inglês o há diferença do termo DST/IST? | 1) https://www.thewellproject.org/hiv-information/sexually-transmitted-infections-or-diseases-stis-or-stds 2) https://www.schneckmed.org/blog/stis-vs-stds-whats-the-difference#:~:text=Disease%20vs%20infection,antibodies%20to%20eliminate%20the%20threat | Há a diferença dos termos assim como no português e decidi manter na forma utilizada antigamente para refletir o contexto de produção do filme (o termo aparece na legenda de nomes dos entrevistados) |
| "Pegava no pé" > expressão idiomática | 1) https://inglesnapontadalingua.com.br/2007/05/pegar-no-p.html 2) https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/pick-on | "To pick on" pareceu ser a melhor escolha por refletir um sentido de injustiça que se enquadra com o contexto de violência policial no qual o termo é utilizado no filme |

O percurso desta iniciação científica evidencia a potência de se cruzarem campos distintos, como antropologia urbana, estudos da tradução e epistemologias feministas dissidentes. A partir da escuta e colaboração com movimentos sociais de trabalhadoras sexuais, foi possível construir um campo de pesquisa interdisciplinar e politicamente comprometido. A tradução do filme “*Mulheres Guerreiras: desbravando estradas da vida*”, articulada ao uso de ferramentas tecnológicas e à fundamentação teórica, não apenas amplia o acesso ao conteúdo do filme, como também propõe uma abordagem crítica e situada da prática tradutória. Dessa forma, os objetivos propostos foram realizados: traçar um panorama sobre o campo de estudos de tradução putafeminista, e iniciar a tradução e legendagem do filme.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria.** La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 3, p. 531–542, dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/FL7SmwjzDJQ5WQZbvYzcb/>. Acesso em: 3 ago. 2025.
- BADARÓ, Tarcísio.** Ensino de língua. *Revista piaui*, São Paulo, edição 92, maio 2014. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/ensino-de-lingua/>. Acesso em: 3 ago. 2025.
- CLARINDO, Adrieli de Oliveira.** PUTAS NARRATIVAS: TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO E PUTAFEMINISMO. 14/02/2020. [Mestrado em Psicologia Institucional]. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- CLUBE DO LIVRO FATAL MODEL.** Clube do Livro Fatal Model. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/@clubedolivrofatalmodel>. Acesso em: 1 mar. 2025.
- COLLINS, Patricia Hill.** Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, vol. 31, n. 1, 2016.
- DESPENTES, Virginie.** Teoria King Kong. Tradução de Márcia Bechara. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2016. 128 p.
- LEITE, Gabriela.** Daughter, Mother, Grandmother, and Whore: The Story of a Woman Who Decided to Be a Puta. Tradução de Meg Weeks. Edição em inglês. Durham: Duke University Press, 2024. 200 p.
- LEITE, Gabriela.** Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MODERNMT.** Introdução à API. Disponível em: <https://www.modernmt.com/api#introduction>. Acesso em: 3 ago. 2025.
- MOIRA, Amara.** Nas mãos dela, a literatura se fez trans: sobre Princesa, potente relato autobiográfico feito por uma mulher transexual. *Revista Pernambuco*, Edição 151, pp. 4-5, Pernambuco, set. 2018. Disponível em: https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_151_web.
- MULHERES GUERREIRAS – Desbravando Estradas da vida.** Realização: Theresinha Ferreira, Diana Helene e Aline Tavares, 2014, DVD e online, Campinas, 30 min. Disponível em: https://youtu.be/zgCf_QQjxRg.
- PATRIARCA, Letizia.** "Putas", "travesti" e "brasileira": processos interseccionais de tradução e criminalização entre Brasil e Itália. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-23022024-131655/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- PRADA, M.** Putafeminista. Editora Elefante, 2018.
- SILVA-REIS, Dennys.** Pensamento feminista negro e estudos da tradução: entrevista com Patrícia Hill Collins. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 229–235, jan./jun. 2019. ISSN 1807-8214.
- TRANSLATED.** MateCat – computer-assisted translation tool. Disponível em: <https://www.matecat.com/>. Acesso em: 3 ago. 2025.
- TRANSLATED.** MyMemory: documentation. MyMemory – Translated. Disponível em: <https://mymemory.translated.net/doc/>. Acesso em: 3 ago. 2025.
- VALDEZ, Maria Barbara Florez.** Pós-fácio: O lugar da puta e o que a tradução feminista tem a ver com isso. *Revista Eco-Pós - Dossiê Feminismos vitais*, v. 24, n. 1, set. 2021. Rio de Janeiro. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/issue/view/1291.
- WYNTER, Sylvia.** Nenhum humano envolvido: carta aberta a colegas. Tradução de Stella Z. Paterniani. In: BARZAGHI, C.; PATERNIANI, S.; ARIAS, A. (orgs). *Pensamento negro radical: antologia de ensaios*. São Paulo: crocodilo/n-1, 2021.